AS AVENTURAS DO CAVALINHO AZUL COM O SEXTO ANO

Louise Bastos Corrêa [1]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência ocorrida na Escola municipal Paulo Freire, localizada na cidade de Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro, com duas turmas de sexto ano: a 1601 e a 1602. No contexto do sexto ano do Ensino Fundamental II, esse desafio adquire características particulares. Os estudantes vivenciam uma etapa de transição escolar que envolve mudanças na organização das disciplinas, nas exigências de aprendizagem e nas relações com professores e colegas.

É nesse cenário que se insere a experiência de leitura e montagem teatral da peça *O Cavalinho Azul*, da escritora e dramaturga brasileira Maria Clara Machado. A proposta partiu da possibilidade de aproximar os estudantes do texto dramático por meio de uma abordagem que ultrapassasse a leitura individual e as atividades convencionais de interpretação textual, incorporando a experimentação teatral como recurso de aprendizagem. O acervo da escola permitiu que cada aluno ficasse com um livro, facilitando a assim o andamento do projeto.

Antes de falarmos sobre o processo de leitura, de criação da peça pelas turmas, vale frisar o porquê da escolha dessa atividade. No ano de 2026, a escola estava com um projeto sobre jogos. Boa parte dos professores optaram por trabalha com jogos de tabuleiro – que também é uma dinâmica importante – porém, aquilo não estava gerando tanto interesse, e foi como que por passe de mágica (na educação tudo é possível!) surgiu a ideia de trabalhar com jogos teatrais. E a partir dessa ideia, fomos em busca do texto, que caiu de paraquedas em nossas mãos – já disse que tem magia na educação, né? – e com a peça em mãos, partimos para as experimentações.

A escolha dessa obra literária permitiu discutir não apenas o conteúdo da história, mas também as características do texto teatral, sua organização em falas e cenas, a construção dos personagens e as possibilidades de transformação da palavra

[1] Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, louisebcorrea@yahoo.com.br

escrita em ação cênica. Ao assumir diferentes papéis, experimentar entonações, movimentar-se pelo espaço e participar da composição das cenas, o estudante passa a relacionar a compreensão textual a experiências corporais, afetivas e coletivas. A aula de português passou a ser mais “divertida”.

Diante dessas considerações, o objetivo geral deste texto é analisar as possibilidades pedagógicas da articulação entre leitura literária e montagem teatral a partir da experiência desenvolvida com duas turmas de sexto ano de uma escola municipal de Teresópolis. E como objetivos específicos, busca-se refletir sobre as contribuições da leitura compartilhada para a compreensão do texto dramático; discutir o papel da expressão corporal e da oralidade na construção dos personagens; examinar a importância da colaboração entre os estudantes durante o processo de montagem; e identificar possibilidades e desafios da utilização do teatro como estratégia de formação do leitor.

METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência, de natureza descritiva e reflexiva, centrado em uma proposta pedagógica de leitura literária e montagem teatral. A experiência foi desenvolvida com duas turmas de sexto ano e cada uma delas absorveu as informações de maneira extremamente singular, tanto que cada apresentação foi única. Apesar do mesmo texto, montagens distintas, com resultados surpreendentes.

O passo a passo da construção do trabalho aconteceu de maneira orgânica, sem pressão, afinal era muito importante que todos estivessem confortáveis naquele projeto. A leitura, as escolhas dos personagens aconteceram de forma natural e espontânea, uma maneira, inclusive, de exercer a docência.

Os alunos tiveram contato com a origem do teatro, visitamos a Grécia Antiga e passamos por clássicos como Molière, Shakespeare entre outros autores canônicos. Familiarizar os alunos com o universo teatral foi de extrema importância para gerar interesse ou mesmo curiosidade. Afina, se tem uma coisa que os jovens gostam é de uma novidade. Também assistimos uma montagem desse texto que estava disponivel na internet.

A peça *O Cavalinho Azul*, de Maria Clara Machado foi escolhida por suas possibilidades de leitura dramatizada, exploração dos personagens e criação de cenas. O trabalho com duas turmas permite considerar tanto as possibilidades de desenvolvimento de uma proposta comum quanto a diversidade de ritmos, interesses e formas de participação. A participação dos estudantes foi compreendida como elemento central do processo. A professora assumiu a função de mediadora, orientando a leitura, propondo questões interpretativas, organizando as etapas de criação e oferecendo apoio à elaboração das cenas.

Após a aproximação com a história, os estudantes são convidados a experimentar as falas dos personagens por meio da voz, da expressão facial, da postura e dos gestos. A leitura dramatizada pode ser realizada inicialmente sem deslocamentos pelo espaço, concentrando-se na entonação e na intenção comunicativa. A montagem envolve a seleção dos trechos que serão apresentados, a distribuição dos papéis e a organização dos elementos cênicos. É importante que as decisões considerem o texto original, as condições materiais da escola e as possibilidades de participação dos estudantes.

A criação de cenários e adereços foram produzidas pelos próprios alunos que utilizaram materiais acessíveis, como papel, cartolina, tecidos e objetos reutilizáveis, assim como à sonoplastia que também foi criada pelos próprios estudantes. Aqueles que não se sentiram confortáveis para atuar, ficaram nos bastidores realizando um trabalho extremamente importante para a peça acontecer. Os recursos sonoros e movimentos coletivos construíram espaços e situações da narrativa. A mediação docente é importante para que as correções sejam realizadas de maneira respeitosa, valorizando o processo de aprendizagem e não apenas o resultado estético.

REFERENCIAL TEÓRICO

No sexto ano, a leitura compartilhada é especialmente relevante porque permite que estudantes com diferentes níveis de fluência participem da mesma experiência. A mediação da professora pode auxiliar na compreensão de vocabulários, na identificação dos conflitos da narrativa e na percepção das características dos personagens, sem retirar dos alunos a oportunidade de construir interpretações próprias.

A leitura de um texto dramático apresenta ainda uma particularidade: as falas são escritas para serem pronunciadas e interpretadas por personagens em ação. Ler uma peça, portanto, envolve perceber não apenas o que os personagens dizem, mas também como suas falas podem ser expressas por meio da voz, dos gestos e dos movimentos. Quando os estudantes experimentam diferentes maneiras de dizer uma fala, precisam refletir sobre as intenções do personagem, o contexto da cena e os sentidos que desejam comunicar ao público. O teatro reúne diferentes linguagens e formas de expressão. No ambiente escolar, essa característica permite desenvolver atividades interdisciplinares e ampliar as possibilidades de participação dos jovens.

O Cavalinho Azul oferece possibilidades expressivas para o trabalho com estudantes do Ensino Fundamental II, como dito anteriormente, e sua trama coloca em evidência a maneira singular como Vicente, o personagem principal, percebe seu cavalo, contrapondo a imaginação infantil às interpretações mais pragmáticas dos adultos. Essa oposição pode despertar discussões sobre os diferentes modos de perceber a realidade, o valor atribuído aos sonhos e a importância de considerar perspectivas distintas. A peça também possibilita explorar a importância de cuidarmos de nossos afetos.

Do ponto de vista da linguagem, a obra permite trabalhar o diálogo, a entonação, a pausa, a intenção comunicativa e a construção de personagens. O professor pode propor perguntas como: o que o personagem deseja alcançar? Como ele se sente nessa situação? Que gesto poderia acompanhar sua fala? De que maneira a mesma frase pode transmitir sentimentos diferentes conforme a entonação utilizada? Assim como a formação do leitor literário. Para muitos alunos daquele grupo, aquela foi a primeira vez que acontecia o contato com aquele tipo de expressão. Muitos nunca tinha tido a oportunidade de ler uma peça teatral e tampouco participar da elaboração de um espetáculo.

A fantasia presente na peça também favorece a criação de soluções cênicas com recursos simples, afinal os próprios alunos estavam produzindo e o foco não era uma apresentação “profissional”, por assim dizer. Tudo foi feito com muito esmero e capricho, mas sem muitos recursos. O cavalinho, os espaços da narrativa e os demais elementos podem ser representados por objetos, movimentos corporais, desenhos, tecidos e materiais reutilizáveis. A ausência de recursos sofisticados não impede a experiência artística; ao contrário, pode estimular a imaginação e a criatividade dos

estudantes. E nesse processo foram descobertos vários talentos, seja na parte artística, desenhos, cenários e figurino quanto na parte logística, de produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mediação do professor desempenha um papel decisivo nesse processo. Em vez de apresentar i compreensão textual se desenvolve por meio do diálogo e da construção compartilhada de sentidos.

A leitura em voz alta também oferece oportunidades para trabalhar ritmo, pontuação, pronúncia e expressividade. Quando uma fala é lida por diferentes estudantes, podem surgir interpretações variadas, o que permite discutir como a entonação modifica a maneira de compreender uma situação. Assim, a oralidade deixa de ser apenas uma forma de reproduzir o texto e passa a integrar o processo interpretativo.

É importante considerar que os estudantes do sexto ano podem apresentar níveis distintos de fluência leitora e diferentes graus de segurança para ler diante dos colegas. Por isso, a organização das atividades precisa oferecer apoio e tempo para a preparação, evitando transformar a leitura pública em uma situação de constrangimento. A possibilidade de acompanhar o texto, ensaiar previamente ou participar de outras funções contribui para tornar a proposta mais inclusiva.

A montagem teatral é uma atividade coletiva que exige organização e cooperação. A preparação de uma cena envolve diferentes tarefas e depende da articulação entre os participantes. Essa característica cria oportunidades para trabalhar a escuta, a responsabilidade compartilhada e a resolução de conflitos.

Além disso, o ensaio pode funcionar como um espaço de aprendizagem sobre o erro. Esquecer uma fala, precisar repetir uma cena ou modificar um movimento não deve ser interpretado como fracasso, mas como parte do processo de criação. A revisão coletiva permite compreender que o resultado depende da experimentação, da persistência e da capacidade de trabalhar em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar a uma conclusão em um trabalho tão rico como esse feito em sala de aula de maneira coletiva é algo extremamente difícil. Como colocar um ponto final quando na verdade terminamos com “dois pontos” indicando que o projeto pode ter se encerrado no trimestre, mas a ideia, a semente da criatividade e do trabalho coletivo foi plantada.

Acreditamos que nenhuma prática pedagógica chega ao fim . No contexto da escola pública, a proposta demonstra a viabilidade de desenvolver práticas de educação literária e artística com recursos acessíveis, desde que haja planejamento e intencionalidade pedagógica. O trabalho com o texto dramático pode ser adaptado às condições de cada instituição, preservando o contato com a obra e criando oportunidades para que os estudantes se apropriem da linguagem teatral.

Mais do que preparar uma apresentação, trabalhar com *O Cavalinho Azul* significa criar condições para que a literatura seja vivenciada como experiência de descoberta, imaginação e convivência. Quando a escola abre espaço para que os estudantes leiam, interpretem, criem e compartilhem sentidos, contribui para a formação de leitores mais autônomos e para uma educação que reconhece a arte como parte essencial do desenvolvimento humano.

Os frutos podem aparecer muito tempo depois em lugares improváveis, mas a certeza de um trabalho feito com empenho e dedicação seguem juntos daqueles que participaram. Formar cidadãos críticos, que dentro de suas ideologias e possibilidades buscam um mundo melhor, sempre será um sopro de esperança.

Palavras-chave: Teatro na escola, Literatura juvenil, Maria Clara Machado, Ensino Fundamental II, Formação de leitor.

REFERÊNCIAS

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 27 out. 2026.

COLOMER, Teresa, **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DALVI, Maria Amelia; RESENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita, **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, Paraábola, 2013.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2012.

MACHADO, Maria Clara, **O cavalinho azul e outras histórias.** Rio de Janeiro: Edipass, 2018.

ROCCO, Maria Thereza Fraga, **Literatura/Ensino: Uma problemática.** São Paulo: Editora Ática, 1981.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula.** São Paulo: Perspectiva, 2017.

_____, **Jogos teatrais: Manual de introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

ZILBERMAN, Regina, **A literatura infantil na escola.** São Paulo; Global, 2017.

_____; MAGALHÃES, Lígia Cademartori, **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação.** São Paulo: Editora Ática, 1987.